

## O ENSINO E A APRENDIZAGEM MEDIADOS PELA PESQUISA: UM DESAFIO

Maria Fernanda Borges Daniel de Alencastro\*

*Estudar não é um ato de consumir idéias, mas de criá-las e recriá-las.*

*Paulo Freire*

Uma situação comum, nos cursos de graduação, é que os alunos calouros, com raras exceções, têm apenas uma vaga idéia sobre o curso em que ingressaram, embora a maioria seja bastante curiosa e receptiva em relação a ele. É também relevante observar que a chegada desses alunos à universidade é marcada por uma situação de direito: foram considerados aptos, via vestibular, a fazer o curso que escolheram. A permanência deles no curso, porém, caracteriza-

---

\* Especialista em Língua Portuguesa - Redação, pela PUC/MG. Mestranda do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco - UCDB. Professora de Língua Portuguesa, na UCDB; de Comunicação Empresarial, na UNIDERP; de Prática de Leitura e Produção de Textos, na UFMS.

se por uma situação de fato: têm dificuldades com relação aos processos necessários à construção do conhecimento na vida acadêmica ou fora dela, principalmente com a leitura e a produção dos diversos tipos de textos orais e escritos. Além disso, deparam-se também com dificuldades inerentes ao próprio curso. A saída, nessas circunstâncias, para o mercado de trabalho, pode tornar-se questionável, em termos de qualidade profissional.

Devido à sua complexidade, o quadro, apenas delimitado acima, constitui um problema a ser enfrentado, sob diversos pontos de vista, e superado, na medida do desejável, por pró-reitores, chefes de departamento, coordenadores de curso, professores de disciplinas específicas e de disciplinas instrumentais, desde os primeiros dias de aula até o término do curso.

Neste ensaio, pretendemos tratar a questão do nosso ponto de vista, ou seja, enquanto professora de uma disciplina instrumental - língua portuguesa - nos semestres iniciais do Curso de Turismo da Universidade Católica Dom Bosco. Com a pretensão de melhorar o desempenho dos acadêmicos, e contando com o valioso apoio e o constante incentivo da coordenadora do curso, Prof<sup>a</sup> Bernadete, interagimos com eles, nos primeiros dias de aula, na busca de atividades que lhes sejam significativas e que, ao mesmo tempo, tragam algumas informações sobre o curso que estão iniciando.

De nossa parte, explicamos a eles a necessidade de buscarem desenvolver capacidades, habilidades e processos que lhes permitam, durante a graduação - tanto no primeiro ano como nos anos subsequentes - estudar, pensar,

concentrar-se, instigar o raciocínio lógico e a criatividade, exercitar a visão crítica da realidade, interpretar dados, propor soluções, ler, compreender, escrever, reescrever, fazer pesquisas bibliográficas, apresentar trabalhos em seminários, discutir questões, participar de grupos de estudos e de atividades extracurriculares. Enfatizamos, ainda, o fato de que, no processo ensino/aprendizagem, independentemente da área de conhecimento, a linguagem está sempre presente, quer na transmissão, quer na construção de conceitos. Enfim, buscamos fazê-los entender que precisavam preparar-se, com disciplina e autonomia intelectual, para obter conhecimento, para resolver situações concretas que teriam de enfrentar na vida acadêmica e na profissão e que vão exigir deles estudo e auto-aprimoramento contínuo.

Entretanto, pretender que os acadêmicos entendam o que dizemos ser necessário para a vida acadêmica e profissional exige de nós, professores universitários, a contrapartida de repensar e valorizar continuamente o nosso trabalho, de estudar e aprender sempre, de gostar dos nossos alunos e de enfrentar o desafio de pensar um pouco à frente do nosso tempo. Se queremos alunos leitores, produtores de textos e pesquisadores, temos a obrigação de exercer e desempenhar cada vez melhor esses papéis.

## ENSINAR E APRENDER COM TEXTOS

Considerando a disciplina Língua Portuguesa, de nossa responsabilidade no curso de Turismo, procuramos ministrá-la a partir do pressuposto segundo o qual a compreensão de um texto implica sempre “*uma pluralidade de habilidades, níveis e sistemas diferentes de conhecimento, tanto lingüístico quanto não lingüístico. A competência lingüística, também ela estruturada em vários níveis, é apenas **um** dos componentes utilizados no processo de compreensão*” (DASCAL, 1988 : 7).

De fato, de acordo com os estudiosos da Lingüística Textual<sup>1</sup>, o *conhecimento lingüístico*, entendido como o conhecimento do léxico e da gramática da língua, embora seja relevante, é apenas **um** dos conhecimentos que constituem a chamada capacidade comunicativa do falante. Entre os **outros** conhecimentos constitutivos dessa capacidade, destacamos: o *conhecimento temático* ou *referencial*, indispensável para qualquer comunicação interpessoal; o *conhecimento pragmático*, isto é, dos *usos* e dos *usuários* da língua, imprescindível para um desempenho lingüístico adequado e produtivo nas mais diversas situações de comunicação; *conhecimento propriamente textual*, quer dizer, dos fatores que fazem com que um texto seja um texto;

---

<sup>1</sup> Ou Lingüística de Texto (LT), enfoque da Lingüística, que surgiu na Europa, na década de sessenta. Nessa perspectiva, o texto é uma unidade de sentido, hierarquicamente superior à frase, e que existem regras gerais válidas para fenômenos ou fatos que ultrapassam o âmbito da frase (Cf. MARCUSCHI, 1983 : 3).



tal tipo de conhecimento é essencial para compreender, avaliar e produzir textos orais ou escritos, dos mais variados tipos e estilos, considerados quanto à estrutura, à organização temática e à construção do sentido.

Em vista dessa multiplicidade de conhecimentos inerentes ao processo de comunicação, impõe-se a necessidade de conceber o processo de compreensão de textos menos como um caso de sim/não, de tudo/nada, e mais como processo de aproximação gradual. Sobre isso, DASCAL (1988 : 7), a seguir, explica que

*“Pode-se compreender uma enunciação ou um texto mais ou menos superficialmente, com maior ou menor profundidade, mas jamais se pode dizer que se alcançou uma compreensão global e completa do texto. Isso é verdade sobretudo no caso de textos literários, mas também o é nos usos mais comuns e correntes da linguagem”.*

Assim, acreditamos poder, como professora, auxiliar os nossos alunos a ampliar a capacidade de compreender e produzir textos que começaram a desenvolver na infância. Com essa convicção, procuramos interagir com eles, orientando-os a usar a leitura e a escrita como instrumentos privilegiados de acesso ao conhecimento, sem esquecer o fato de que mais importante do que “armazenar” informações, ao longo do curso, é saber correlacioná-las, para chegar a conclusões fundamentadas através delas. Numa época de globalização econômica, em que muitas pessoas já têm acesso a bases eletrônicas de conhecimento e “navegam” em redes mundiais de computadores, mais do que nunca precisamos aprender a correlacionar informações.

Para isso, seguimos a orientação de GERALDI (1997 : 22) e concebemos o texto como unidade de ensino/aprendizagem, já que ele é justamente o lugar por excelência das correlações. Vejamos: as palavras portadoras de significados, as quais o constroem materialmente, organizam-se, por sua vez, em unidades maiores para produzir informações cujo sentido somente é compreensível na unidade global do texto. Por seu turno, esse texto dialoga com outros textos e, com eles, participa de um *continuum* de textos inter-relacionados pelos temas de que tratam, pelos diversos pontos de vista que assumem, pelo fato de coexistirem numa mesma sociedade. Tal *continuum* de textos constitui nossa herança cultural.

Portanto, assumir o texto como unidade de ensino/aprendizagem significa concebê-lo como um lugar de diálogo com outros textos que, por sua vez, dialogam com textos passados e que poderão fazer surgir textos futuros. Em decorrência, conceber o nosso aluno como leitor e produtor de textos significa entendê-lo como participante ativo desse diálogo constante com textos, com a produção de sentido pela leitura e pela escrita.

Com a intenção de proporcionar aos nossos alunos calouros/1998, do curso de Turismo, uma experiência mais efetiva com os processos de compreensão e produção de textos, estamos desenvolvendo juntamente com eles, desde a última semana de abril, um projeto coletivo de pesquisa, intitulado "*O A-B-C do Turismo*", cujos objetivos são:

1. *Instrumentalizar os acadêmicos para a compreensão da necessidade que o profissional da área do turismo tem de dominar diferentes*

*campos do conhecimento, manter uma postura crítica diante dos fatos e ampliar cada vez mais a sua própria capacidade comunicativa.*

*2. Elaborar uma pequena cartilha, para divulgar alguns pontos de Campo Grande que foram, são ou poderão vir a ser atrações turísticas da cidade.*

Pretendemos, com tal proposta, preencher o quadro de condições necessárias, de acordo com GERALDI (1991 : 160), para que se possa desenvolver o processo de produção de um texto, isto é, que:

- a) se tenha o que dizer;*
- b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;*
- c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;*
- d) o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz (o que implica responsabilizar-se, no processo, por suas falas);*
- e) se escolham as estratégias para realizar (a), (b), (c) e (d).*

Constituir-se como locutor (d) exige uma **relação interlocutiva**; vai implicar que o aluno tenha o que dizer (a); supõe razões para dizer (b) e interlocutores a quem ele possa dizer o que tiver de dizer (c); vai implicar também que o aluno escolha as estratégias para dizer (e), considerando (a), (b), (c) e (d).

Ao adotar, pois, a **relação interlocutiva** como critério básico para conduzir todo o processo de produção,

vamos, também, enquanto professora, assumir o papel de locutora/interlocutora, considerando cada um dos componentes do processo - (a), (b), (c), (d) e (e) - como “tópicos” de ensino/aprendizagem da produção de sentidos nos textos a serem produzidos ou lidos pelos alunos. Essa dinâmica promoverá uma interação maior entre professor e alunos, entre alunos e professor, entre alunos e alunos, entre professor/alunos e conhecimento.

## A CONSTRUÇÃO DOS CAMINHOS DA PESQUISA

Os calouros de Turismo participaram intensamente das discussões sobre o levantamento de dados referentes aos pontos turísticos que seriam focalizados na pesquisa e sobre a necessidade de consultar pessoas, documentos, órgãos de comunicação, agências, secretarias, guias, jornais, revistas, livros, fitas e filmes que pudessem fornecer informações sobre o assunto. Destacamos, a seguir, algumas das perguntas mais freqüentes.

– *Como vamos entrevistar as pessoas sobre os pontos turísticos?*

– *Quem vai fazer o ofício para apresentarmos aos órgãos de comunicação?*

– *Como pesquisar sobre os pontos turísticos?*

– *O que, de fato, é importante pesquisar?*

– *Como selecionar as fontes?*



Fomos, então, conversando com cada um dos treze grupos participantes, explicando que o ofício seria elaborado em sala de aula, para que eles já pudessem praticar esse tipo de texto e também vários outros, inclusive relatórios, nas diferentes fases da pesquisa. A reação da turma refletia dúvida, expectativa e preocupação com os objetivos, as perguntas de pesquisa, as hipóteses, os prazos a serem obedecidos, o modo como eles seriam avaliados.

À medida que iam realizando as primeiras atividades, o interesse dos alunos pela proposta crescia, pois estavam começando a conhecer mais de perto alguns aspectos da sua futura área de atuação e a construir conhecimentos teóricos e práticos sobre ela. Mas também começavam a perceber, pela nova experiência, que iam precisar assumir compromissos com o estudo, com a pesquisa e que o trabalho, muitas vezes, seria árduo.

Como estão previstas atividades até o final de outubro ou início de novembro, ainda é cedo para confirmarmos ou não as hipóteses iniciais do nosso projeto de pesquisa. Entretanto, já dá para observar que os alunos estão entendendo melhor os objetivos do curso, a necessidade de uma boa formação, pois há melhores perspectivas de bons empregos, na área do turismo, para os profissionais criativos, atualizados e críticos em relação ao contexto nacional e internacional, cultos, com bom conhecimento e bom desempenho, principalmente nas áreas de línguas e de informática.

Além do referencial teórico já mencionado, referente ao campo dos estudos lingüísticos, também estamos nos fundamentando em ÁVILA (1995 : 7), que propõe ser

urgente **educar para a pesquisa** e essencial **desmistificar** os mitos e os ritos que a tornam admirada, mas inacessível aos estudantes e às pessoas que, de uma forma ou de outra, *“dela poderão se valer como fator de ascensão material, de realização pessoal, de êxito profissional e de desenvolvimento social”*.

Acreditamos nessas propostas, por considerarmos que, ao admitirmos a pesquisa como acessível ao ensino centrado no conhecimento e na produção, elas exigem nova postura de professores e alunos em relação ao conhecimento. Não pretendemos com isso “anular” a relação assimétrica que se estabelece entre professor e aluno, própria do discurso ensino-aprendizagem, mas relativizar tal relação. Entendemos que, no processo ensino/aprendizagem mediado pela pesquisa, professores e alunos podem agir como sujeitos que se debruçam sobre um objeto a conhecer e que compartilham de contribuições exploratórias na construção do conhecimento. As contribuições do professor passam a ser encaradas como respostas e não verdades a serem “assumidas” pelos alunos e por ele próprio.

Os alunos que forem incentivados a participar de trabalhos de pesquisa, desde o primeiro ano do seu curso universitário, poderão entender melhor que a construção do conhecimento exige trabalho rigoroso e constante, demanda tempo e dedicação, requer o domínio dos processos de compreensão e de produção de textos. Tal perspectiva é que nos impulsionou a empreender um trabalho de pesquisa coletiva com os nossos alunos do curso de Turismo.

É importante observar que estamos encontrando apoio teórico no estudo da obra de ÁVILA (1995), que

explicita vários procedimentos referentes à pesquisa na vida e na universidade, a título não apenas de apoio interdisciplinar e multidisciplinar, mas também de desmistificar aquela velha concepção nacional de pesquisa acadêmica distanciada da realidade e dos problemas da vida cotidiana. Os oito enfoques que o autor apresenta constituem subsídios relevantes para a dinâmica que estamos procurando desenvolver, usando a pesquisa e o trabalho acadêmico como formas de instrumentalizar o estudo, enquanto processo sério, sempre importante e aberto para a construção da própria vida do acadêmico e para o seu meio social.

No tópico 2, após delinear um quadro sobre as condições de produção da ciência no Brasil, o autor revela (p. 22) um aspecto do emprego da pesquisa científica tão esclarecedor para quem se interessa em fazer pesquisa que vale a pena citar:

*“A razão pela qual se pode afirmar, com segurança, que o emprego da pesquisa científica não é (e nem deve ser) exclusividade de produção de conhecimento estritamente científico é simples: o que torna científica a pesquisa são os quesitos metodológicos de sua programação e operacionalização ou, ainda, o que caracteriza a cientificidade da pesquisa é o seu dinâmico rigor metodológico (...) e não só a natureza de seus produtos.”*

A partir da leitura e do estudo do tópico que acabamos de comentar e dos demais tópicos apresentados na obra em referência, vamos compreendendo melhor a abrangência de sentidos de termos muito empregados no ambiente universitário, tais como: ciência, cientista,

pesquisa, pesquisador, prático, teórico, abstrato, concreto.

Afastar da pesquisa o “(...) aparato ritual que a torna admirada porém inacessível” significa poder concebê-la também como um meio de ampliar, complementar e aprofundar a nossa faculdade natural de conhecer, estendendo nossos sentidos, nossas propriedades intelectivas, para descobrir e redescobrir condições de travar contato com fenômenos complexos do mundo e com elementos do nosso cotidiano, pois “(...) o cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada”, na metáfora de CERTEAU (1994).

Nessa perspectiva, ao conceber a pesquisa como forma de produção de conhecimento, vamos instaurar, nos discursos do processo ensino/aprendizagem da sala de aula, a **relação interlocutiva** aludida anteriormente neste nosso ensaio. Vamos lembrar também que, quando estudamos um determinado assunto, devemos proceder como o pesquisador que observa os fatos, passa a analisá-los sob diferentes enfoques e vivencia o processo em contínua progressão, partindo de etapas mais simples, com um mínimo de rigor e ordem até chegar às etapas que exigem maior rigor e ordem, para a sistematização do conhecimento resultante da pesquisa.

Passamos a entender, então, que a pesquisa, como a nossa vida (MARÍAS, apud ÁVILA, 1995 : 22), não é um produto acabado e pronto. Nesse sentido, podemos compará-la também ao próprio processo de produção de sentido nos textos que lemos ou escrevemos. Sempre haverá algo mais a acrescentar.



Assim, sentimos que fazer pesquisa pode ser algo muito mais próximo do que podíamos imaginar, contagiados pelo mito da **pesquisa inacessível** com o qual convivemos durante toda a nossa formação escolar. Imbuídos dessa nova visão do ato de pesquisar, podemos então caminhar em busca de melhores condições para a nossa própria existência, tentando crescer de forma mais consciente e crítica, enquanto pessoa e enquanto profissional.

Estamos agora cientes de que, durante o processo de pesquisa, haverá uma trajetória mais ou menos assim: experiências, dúvidas, troca de idéias, análise de modelos, leituras, execução de tarefas, correlação de informações, até chegarmos à sistematização de dados, à análise dos resultados alcançados e à apresentação do relatório final.

Percebemos melhor outro aspecto relevante: ao empreender um trabalho de pesquisa, estamos inseridos num contexto que não é só nosso, pois abrange também a nossa cidade, o nosso estado e o nosso país e, em alguns casos, outros países. Fazemos parte de uma comunidade. Pesquisa passa a conotar então a idéia de produção pessoal e coletiva e implica o constante diálogo entre pesquisadores e textos, o que remete ao que apresentamos, quando explicamos, no início, a questão do texto como unidade de ensino/aprendizagem.

Se vemos pesquisa como um ato dinâmico, moderno e transformador, quando propomos aos nossos alunos a realização de um trabalho de pesquisa coletiva, voltado para a sua própria formação acadêmica e profissional, precisamos investigar cuidadosamente os diversos aspectos dessa formação e ressaltar que um deles é, sem dúvida, a necessidade



de cada estudante ou de cada profissional desenvolver a sua própria capacidade de estudar através da pesquisa, realizada com disciplina e autonomia intelectual, dialogando com os estudiosos da sua e das outras áreas, sempre que necessário. Aliás, tal capacidade está sendo cada vez mais exigida pela sociedade contemporânea, até no sentido de que muitos profissionais precisam interagir com máquinas e equipamentos eletrônicos e dependem de manuais de instruções para acessá-los e conseguir realizar suas tarefas.

Com a visão de pesquisador, o estudante percebe-se diferente, após cada trabalho, cada conquista. Sua vida acadêmica passa a ser mais organizada, mais produtiva, pois se torna curioso e preocupado com seus estudos, com o seu tempo, com o seu contexto e com os desafios que surgem no seu cotidiano. Esse perfil de estudante é compatível com a exigência da educação continuada para todos os profissionais que lutam pela qualificação cada vez maior de seu desempenho e que se dispõem a aprender sempre.

## **A RELAÇÃO ENSINO, APRENDIZAGEM E PESQUISA**

Nesse sentido, devemos conceber a aprendizagem, mediada pela pesquisa, como condição essencial para nós, professores, construirmos o desafio de ensinar, processo que exige não só estarmos sempre aprendendo, mas também aprendendo a aprender, de múltiplas e diferentes for-

mas, da observação do que se passa à nossa volta, no cotidiano, às situações mais formais de estudo, de reflexão sobre a nossa própria prática. Afinal, se é aos especialistas que compete o estudo mais aprofundado, a pesquisa propriamente dita, deste ou daquele aspecto do ensino/aprendizagem, ninguém pode negar àqueles que ensinam e aprendem o domínio dos “*quesitos metodológicos*” da “*programação*” e da “*operacionalização*” da pesquisa científica, para a produção consciente do conhecimento.

O mesmo raciocínio sobre a pesquisa no ensino/aprendizagem é válido também para a pesquisa no campo dos estudos lingüísticos, ou seja, a pesquisa científica não é exclusividade dos especialistas neste ou naquele aspecto da linguagem ou das línguas, pois ninguém pode negar àqueles que falam a possibilidade de ampliar cada vez mais a capacidade que lhes confere, mais do que qualquer outra, o estatuto de seres humanos: a linguagem. Aliás, é essa capacidade que permite ao homem assumir o diálogo consigo mesmo e com os outros, bem como conservar dentro de si uma imagem do mundo. É por isso mesmo que a linguagem está no centro do homem e, reciprocamente, o homem está no centro dela. Em decorrência, pode-se avaliar a relevância dessa faculdade para a área da educação, para o ensino/aprendizagem, para, enfim, haver consciência de que ensinar a ler e a escrever, embora exija um compromisso maior do professor de língua materna, é compromisso também dos professores das demais áreas de conhecimento, já que é condição essencial para o exercício da profissão, que todo professor seja leitor e produtor de textos.

Gostaríamos de ter apresentado, nesta oportuni-

de, maiores detalhes sobre o que vem provocando a nossa decisão de, a partir dos pressupostos nos quais nos fundamentamos e que foram explicitados neste trabalho, vivenciar o processo ensino/aprendizagem, mediado pela pesquisa na área de Língua Portuguesa e na área de Turismo, nos semestres iniciais do curso de Turismo da UCDB.

Poderíamos aqui registrar as nossas reações, os resultados parciais, as lições que estamos aprendendo, as experiências que estamos vivenciando com a leitura, com a produção de textos, com a aquisição de conhecimentos relativos ao turismo e a muitas outras áreas, as saídas que estamos encontrando para superar as nossas limitações e para resolver os problemas que vão surgindo e nos fazem reformular o projeto original de trabalho. Mas isso não foi possível, no momento.

Queremos ressaltar, entretanto, alguns aspectos relevantes que já estamos observando: nossos alunos passaram a demonstrar mais consciência de que o estudo é um trabalho difícil. Também estão demonstrando compreender melhor a necessidade de assumir a sua própria aprendizagem dos processos de leitura e produção de textos, de modo crítico e sistemático, de forma a adquirir, pela vivência teórico/prática, pela convivência em grupos, a disciplina intelectual imprescindível a todo estudante e a qualquer profissional.

Assim, podemos dizer que o ensino/aprendizagem mediado pela pesquisa é também condição de consciência crítica, agente dinamizador da reflexão dos objetivos do curso, da renovação do ensino e da construção de caminhos desafiadores que nós mesmos deliberamos seguir,

conscientes do trabalho contínuo é difícil, por não nos contentarmos com receitas prontas e com imitações baratas, pois, como afirmou DEMO (1997 : 10): “*É preciso construir a necessidade de construir caminhos, não receitas que tendem a destruir o desafio de construção*”.

Sabemos que, em grande parte do que fomos expondo nesta tentativa de ensaio, há muito de utopia e de sonho. Mas pedimos passagem para o diálogo com a utopia, com o sonho, enfim, com algumas reflexões afloradas pelo nosso entusiasmo a respeito da concepção de pesquisa como algo mais acessível e possível, inclusive para professores e alunos. Pretendemos retomar as questões aqui apresentadas no trabalho de pesquisa que pretendemos desenvolver no Mestrado em Educação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ÁVILA, Vicente Fideles de. *A pesquisa na dinâmica da vida e na essência da universidade: ensaio de curso para estudantes, professores e outros profissionais*. Campo Grande-MS : UFMS, 1995.
- AZEVEDO, Israel Belo de. 5. ed. *O prazer da produção científica*. Piracicaba : Unimep, 1997.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. Artes de Fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis-RJ, 1994.



- DASCAL, Marcelo. Recepção de textos, um processo de aproximação gradual. In: SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. CENP. *Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 1º e 2º graus*; coletânea de textos. São Paulo : SE/CENP, v. 3. p. 7-15.
- FREIRE, Paulo. Considerações sobre o ato de estudar. In: *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 6. ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1982.
- GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. São Paulo : Martins Fontes, 1991.
- \_\_\_\_\_. Da redação à produção de textos. In: CHIAPPINI, Lígia (Coord. Geral). *Aprender e ensinar com textos*. São Paulo : Cortez, 1997. v. 1.
- INFANTE, Ulisses. *Do texto ao texto: curso prático de leitura e redação*. São Paulo : Scipione, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Curso de gramática aplicada aos textos*. 3. ed. São Paulo : Ática, 1996.
- KOCH, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo : Contexto, 1992.
- \_\_\_\_\_. *A coerência textual*. São Paulo : Contexto, 1990.
- \_\_\_\_\_. *A coesão textual*. São Paulo : Contexto, 1993.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Linguística de texto: o que é e como se faz*. Recife : Universidade Federal de Pernambuco/Mestrado em Letras e Linguística, 1983.
- PLATÃO & FIORIN. *Lições de texto: leitura e redação*. 2. ed. São Paulo : Ática, 1997.